

# Morre o presidente Tancredo

por Getúlio Bittencourt  
de São Paulo

Os médicos tentaram durante quase cinco semanas, mas não conseguiram atender a um dos primeiros apelos que ouviram do presidente eleito Tancredo Neves: "Eu preciso sair logo daqui, porque a Nação está me esperando". Ele morreu ontem, escapando do longo sofrimento que o colheu no momento mais alto de sua longa vida pública.

As lágrimas derramadas por ele a partir do anúncio oficial, no Instituto do Coração, em São Paulo, são a contrapartida da enorme esperança que conseguiu infundir no povo brasileiro. Desde Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, portanto desde os anos 50, um presidente não conseguia empalmar o sentimento nacional como Tancredo Neves.

O paciente mais famoso do Instituto do Coração atravessou uma cruel agonia, mas os médicos o maninham levemente sedado ao longo da hospitalização,

o que significa que não o deixaram sofrer muito. A seqüência de sete operações, diversas hemodiálises, respiração mecânica e implantação de controles dos sinais vitais, de alimentação parenteral, sondas intestinais e respiratórias deixou seu corpo coberto de marcas.

Foi depois de ver esse estado pungente que a primeira dama, dona Risoleta Neves, confessou à esposa de um ministro que preferia não ver o marido sofrendo tanto. Tancredo Neves tornou-se o segundo presidente eleito a morrer antes de tomar posse, sucedendo ao presidente Rodrigues Alves, que em 1918 não chegou a assumir seu segundo mandato.

Tancredo Neves deixa a vida para entrar na História como um mártir da redemocratização brasileira. E assim que os primeiros discursos sobre sua morte, como o do governador paulista Franco Montoro, o apresenta. Neles há a esperança de que, mesmo

morto, ele possa derrotar os inimigos como El Cid, o Campeador, na lenda espanhola, na tragédia de Racine e no filme de Anthony Mann.

Em seus começos, a Nova República parece não ter inimigos tão fatais como foram os mouros para os espanhóis. O presidente nacional do PT, Luís Inácio Lula da Silva, distribuiu uma nota oficial na semana passada assegurando apoio à confirmação de José Sarney como presidente constitucional. "Quanto a isso não existe a menor dúvida", disse a este jornal o deputado Nelson Marchezan (PDS-RS).

Declarações no mesmo sentido foram enfileiradas nos últimos dias pelos três ministros militares, por governadores como o paulista Montoro e o paranaense José Richa, pelo partido da Frente Liberal e até pelos clandestinos PCB e PC do B.

Os sonhos nacionais precisarão ser refeitos. Aqueles que Tancredo Neves tinha não se materializarão. Ele costumava dizer com bom humor que preferia um mandato de quatro anos, em vez de seis, para poder sentar-se com amigos na praça da Matriz de São João Del Rey e contar histórias que começariam assim: "Quando eu era presidente..." Ficou arquivada também a sua intenção de escrever um livro sobre o presidente Vargas que já tinha título: "Meus diálogos com Getúlio Vargas".

O líder do governo no Congresso, senador Fernando Henrique Cardoso, observava que Tancredo Neves recebera do País poderes equivalentes aos de um imperador. O próprio presidente eleito, em sua última aparição pública, na missa por seu governo na Igreja Dom Bosco, em Brasília, trocou um verso da Bíblia que falava em "rei do meu povo" por "líder do meu povo".

Ele foi o imperador que o Brasil não teve, quase santificado pelo sofrimento.